

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Nonato Lucas Freitas Barbosa
UECE
lucas.freitas_12@hotmail.com

Sirneto Vicente da Silva
UFC
sirnetodh@gmail.com

Joélia Mara da Costa
UERN
joeliamaracosta@gmail.com

INTRODUÇÃO

O capital apropria-se de diversos complexos sociais para manter sua reprodução em escala sempre crescente. A educação e por sua vez a Universidade é um desses complexos. A Universidade, enquanto instituição responsável pela produção do conhecimento científico, tem se tornado alvo do modo de produção capitalista no processo de produção de mão de obra para o mercado de trabalho.

Partimos do pressuposto de que não é possível desvelar os condicionantes que circundam a formação de mão de obra no contexto da sociedade do capital, senão através de uma análise das relações históricas e sociais que configuram o modo de produção capitalista, visto que os problemas relacionados à educação e à formação para o trabalho estão estreitamente relacionados aos interesses do capital.

Para fundamentar nossas análises apoiamos este estudo no materialismo histórico-dialético, capaz de desvelar as mediações que compõe o real observável, constituindo uma totalidade social de superação para além do real visível (MARX; ENGELS, 2016). Acreditamos que esta discussão se faz necessária, uma vez que vivemos em uma sociedade regulada pelas leis de mercado, cujos lucro e exploração do trabalho são mais importantes que a formação emancipatória.

OS IMPACTOS DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

O modo de produção capitalista fundamenta-se na sociedade privada, na exploração do trabalho não pago, no trabalho assalariado, nas relações de mercado e tem promovido influências sobre a existência humana, seja ela no plano material ou no do conhecimento. É neste contexto social que se encontram as universidades, uma vez que elas acabam contribuindo com a reprodução contínua das relações capitalista de produção.

Em plena era capitalista, na qual tudo se transformou em mercadoria, os tentáculos do capital adentram todos os poros da sociedade, inclusive na universidade, o lócus do nosso trabalho. Os estudos de Morosini (2000) mostram que no Brasil há uma variedade de tipos de Instituições Superiores (IES) e que de acordo com a LDB/96, estão divididas em Universidades e Não-Universidades. Conforme a autora, em 2000, dos 973 estabelecimentos de ensino superior, 153 eram universidades e 830 não-universidades.

Diante desse número, buscamos entender como essas instituições sofrem a influência da ideologia da classe dominante para formar mão de obra barata para o mercado de trabalho, muitas vezes, não cumprindo o papel de despertar nos acadêmicos a criticidade sobre o sistema no qual estão inseridos.

Atualmente, grande parte das universidades tem exercido o papel de treinar pessoas, especializando-as em determinadas áreas para atuarem de forma qualificada no mercado de trabalho. Nesse sentido, a universidade, de acordo com a educação mercantilizada que oferece, tornou-se uma engrenagem da máquina maior do sistema do capital, como explica Maraschin (2009, p. 8270):

Vivemos um mundo onde os empregos nascem e morrem rapidamente. Neste contexto, a boa universidade precisa ocupar-se das carreiras que se mantenham fortes e comprometidas com o desenvolvimento humano, independentemente das “danças” estatísticas divulgadas. A universidade precisa atentar para o que existe por detrás desse vanguardismo, tanto da permanência quanto da emergencialidade, precisa atentar prioritariamente para as falsas promessas, alicerçadas em parâmetros frágeis, cujo sentido maior é ganhar dinheiro em curto prazo, e não se manter ao longo tempo.

Fica notório que a ideologia capitalista se reproduz dentro das universidades, fator este que tem resultado em alienação e estranhamento do trabalho no qual irá atuar (MARX, 2010). Observamos que dentro das IES há um processo de produção e reprodução de ideias e pensamentos que tem favorecido e fortalecido o modo de produção capitalista. Na sua maioria, as universidades têm se integrado ao capitalismo, no sentido de formar indivíduos passivos, não questionadores, pessoas que não se manifestam contra o sistema pelo qual são explorados.

Os cursos de bacharelado, em especial, têm efetivado um papel de grande valia para o capital, passando uma visão de que a competitividade existente no mercado de trabalho é algo natural e imutável. Nessa lógica, aqueles que conseguirem emprego são tidos como mais qualificados para o trabalho. Todavia, uma boa universidade está além de um processo de instrução de mão de obra para o mercado, como relata Maraschin (2009, p. 8271-8272):

[...] acredita-se que uma boa universidade seja aquela que atenta para as singularidades do seu tempo, dos seus espaços, do seu papel como agente essencial de desenvolvimento e crescimento econômico que, acima de tudo, não perde de vista o ser humano que nutre e alimenta as perspectivas que referenciam [...] a boa universidade sempre parte de um sistema político, econômico, social, educacional, social e ideológico e, de forma ética, reconhece os mais variados interesses da época e da sociedade global e regional, posicionando-se e intervindo sobre eles. Não obstante, a boa universidade, através dos seus cursos, pares, atores, sinaliza a que veio e com quem está comprometida.

Apesar deste caráter meritocrático e mercadológico presente nas IES, percebemos o quanto é importante quando se tem no corpo de funcionários, professores que despertam em seus alunos a curiosidade, a criticidade em relação ao modo de dominação e exploração no qual estão inseridos. No entanto, como Cunha (2000, p. 46) ressalta que a formação humana é determinada pelo modo de produção capitalista, que define o perfil do trabalhador a ser formado:

Ora, faz parte do modelo capitalista, legitimado pela sociedade em geral, a ideia de que o investimento tem o sentido do lucro, do retorno do que foi aplicado. Nesse sentido, a regulação da autonomia universitária deverá ser feita pelas empresas que definirão os padrões de produtividade, utilizando-se dos mecanismos avaliativos garantidos pelo Estado através da combinação avaliação/punição.

As IES têm privilegiado, rotineiramente, a titulação, o maior número de diplomas, causando danos à formação pedagógica que, a nosso ver, é uma formação que se compromete com uma educação de qualidade, voltada e pautada em saberes emancipatórios. Para Saviani (1994), na sociedade de classes, a tendência é que a burguesia transforme a educação em um gênero mercadológico que se pode comprar e dela obter lucro.

No entanto, não podemos perder de vista que “A instituição *Universidade* significa desenvolver ensino, pesquisa e extensão, ter autonomia didática, administrativa e financeira e congregar um corpo docente com titulação significativa de mestrado ou doutorado” (MOROSINI, 2000, p. 14), para rebates a mercantilização da educação e fortalecer a formação emancipatória.

CONCLUSÕES

Buscamos argumentar que na sociedade capitalista as universidades contribuem para a reprodução e manutenção das relações de produção marcadas pela propriedade privada com vistas ao acúmulo exacerbado do lucro, através da exploração dos trabalhadores, cuja mão de obra não passa de mercadoria barata para os capitalistas. Destarte, o papel das universidades tem sido formar profissionais para o mercado de trabalho de acordo com as exigências do capital, em seu permanente processo de produção e reprodução.

Ademais, as ideologias capitalistas que têm favorecido e facilitado a manutenção do modo de produção capitalista são inculcadas nos estudantes universitários, de modo que a formação ofertada os distancia da análise crítica da sociedade atual, a qual faz parte de uma totalidade composta por contradições próprias de uma sociedade de classes. De modo geral, essa formação mais contribui para sua alienação e estranhamento frente ao mercado de trabalho, do que para sua emancipação, visto que a sociedade capitalista é regida por princípios voltados para o individualismo, a competitividade e a meritocracia, em nome do livre mercado.

Por fim, reconhecemos que em meio as imposições da classe burguesa empresarial que tenta determinar o papel da universidade, há docentes que resistem e contribuem para uma formação humana crítica, visando a construção de uma sociedade socialista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, M. I. **Ensino como mediação da formação do professor universitário**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais, 2000.

MARASCHIN, M. L. M. **A aula universitária em debate: entre expectativas e perspectivas**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2009.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MOROSINI, M. C. **Docência universitária e os desafios da realidade nacional**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais, 2000.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. *et al.* **Novas Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.